importante da sua vida!". O discurso proferido por Magali enfatiza o casamento como algo de extrema importância da vida de uma mulher, pois é nele que toda mulher vive seu "dia mais importante". Essa adjetivação revela a prioridade que esse discurso atribui ao casamento, isto para a perspectiva de vida feminina.

E mesmo sem ter planejado casar-se com Do Contra Mônica mostra-se resignada, aceitando o casamento diante das circunstâncias impostas: casar-se com ele ou voltar para casa e enfrentar a mãe. Assim ela diz: "Se bem que, a esta altura... É melhor eu me casar, mesmo! Não posso mais voltar para casa!" . Este discurso de Mônica faz alusão a muitos casamentos arranjados que só se consolidam por força das circunstâncias adversas: gravidez indesejada, descontentamento dos pais em relação ao noivo ou noiva escolhidos, diferenças religiosas, condições sócio-econômicas incompatíveis dentre outros. Contudo, o casamento precisa ser realizado para preservar o valor desta instituição (para muitos, falida, para outros, atual e necessária).

A escolha do personagem para personificar o noivo também pode ter sido intencional, fazendo parte de uma estratégia que visa abordar outros aspectos relativos ao casamento. Como Do Contra traz no seu perfil a característica da divergência constante, fazendo coisas e agindo sempre de maneira contrária ao que se espera como atitude normal, convencional, ele personifica adequadamente a figura do noivo, que muitas vezes mostra-se resistente e relutante à idéia do casamento e da construção de uma vida a dois. Essa resistência pode ser percebida pela negação do personagem ao casamento que é claramente verbalizada quando ele se pronuncia: "Mas eu não quero!! Não quero"; e também pela atitude de Mônica (a noiva) que o obriga (usando novamente a força física) a acompanhá-la até a igreja e realizar o casamento.

No cotidiano da vida real, a liberdade e a independência são condições fundamentais para o sexo masculino, assumindo valor primordial nas suas vidas e essas condições são mais facilmente exercidas quando ainda estão solteiros. Portanto, elas são, de certo modo, ameaçados pelo casamento que, por sua vez, é visto pelos homens – principalmente aqueles pertencentes à cultura ocidental – como uma ameaça, um empecilho ao exercício da plena liberdade e independência incondicional dos solteiros. Por isso, Do Contra é o personagem perfeito para transmitir implicitamente estes valores que fazem parte do discurso machista, veiculado pela ideologia dominante.

Há outras discussões igualmente sérias e importantes citadas pelo autor na história em questão como a união precoce de um casal e a separação, situações muito comuns em nosso

meio social, mas que não foram desenvolvidas nesta ocasião. No final da história vemos Mônica a se lamentar pelo fato de "ter casado" ainda muito jovem, conforme cita no diálogo com sua mãe: "Snif! É que, no fundo, eu não queria me casar tão cedo...". E a mãe pondera, aconselhando-a tranqüilamente: "Oras... Então o remédio é pedir a separação!". A expressão "no fundo" utilizada por Mônica, revela a consciência de ter tomado uma atitude precipitada, inconseqüente, por isso mesmo ela demonstra seu arrependimento através da expressão e do choro. A situação brevemente retratada nos remete à vida real na qual muitos jovens casam-se devido a imposições circunstanciais ou mesmo pela vontade própria, mas em pouco tempo mudam de idéia e eventualmente originam conflitos.

Do mesmo modo, a separação é superficialmente mencionada no enredo desta aventura, ao final quando a mãe de Mônica sugere que a melhor solução para a insatisfação ocasionada por uma união matrimonial precoce é mesmo a separação. E Maurício de Sousa ainda menciona o problema da separação indesejada, fato muito comum na sociedade desencadeado pela negação do pedido de desquite ou divórcio por parte de um dos indivíduos interessadas. Isto fica claro no discurso final de Mônica, quando ela, conversando com Magali, verbaliza: "Ai, Magali! Sabe que o Do Contra é mesmo 'do contra'? E complementa, indignada: "Agora, ele não quer me dar a separação de jeito nenhum...".

A atitude de Do Contra é perfeitamente compreensível dentro do seu universo quadrinizado considerando-se as características deste personagem: ele sempre contraria as expectativas, fazendo o oposto do que se esperaria em determinada situação, e aquilo que seria mais racional e sensato para o momento. Assim, é possível fazer uma associação lógica com as pessoas que se negam a conceder a separação, causando transtornos e desentendimentos, muitas vezes de graves proporções não só para as partes interessadas como também para pessoas próximas (filhos, parentes, um possível novo cônjuge etc).

Contudo, vale ressaltar que não parece haver, de fato, uma preocupação do autor em enfocar determinados temas nas suas criações, o que seria de muita utilidade se bem combinado com uma intervenção pedagógica, por exemplo, em salas de aula, ou mesmo por famílias que se encontrassem nessas situações. De todo modo, pode-se considerar que fica implícito o resgate, feito por Maurício de Sousa, dessas questões em sua memória discursiva, pois ele certamente vivenciou esses eventos através de experiências próprias, de parentes, amigos ou colegas de trabalho.

Entretanto, conforme fora dito anteriormente, um dos principais argumentos utilizados pelo autor para criar as histórias envolvendo Mônica é a disputa entre os meninos, chefiados

por Cebolinha e Cascão, e ela. Na maioria das vezes as atitudes ofensivas e competitivas partem dos representantes do sexo masculino que agem, geralmente em dupla, mas também em grupo ou mesmo individualmente, maquinando planos mirabolantes e bastante detalhados para derrotar Mônica, que por sua vez, reage imediatamente ou logo após descobrir a trama arquitetada pelos rivais.

Desse modo, os quadrinistas da equipe responsável por produzir as histórias da Turma elaboram desde materiais mais complexos compostos de longas aventuras, a materiais mais simples como, por exemplo, as capas das revistas da Mônica de número 219 e 220, publicadas em setembro e outubro de 2004, respectivamente. Nelas observamos primeiro uma ofensiva de Mônica contra Cebolinha, que em seguida revida com outra atitude igualmente ofensiva e depreciativa, como podemos conferir a seguir:

Na primeira capa, vemos Mônica brincando com Cebolinha que está fantasiado de peteca, exibindo uma expressão de preocupação, insatisfação e impotência diante da situação. As aspas atrás do seu rosto, as rugas ao redor dos seus olhos bastante alargados, a boca cerrada e as linhas ao em torno da sua cabeça confirmam seu estado de vulnerabilidade ante

ao castigo imposto pela rival. Mônica, por sua vez, aparece sorridente e vibrante, mostrando-se alegre por estar brincando, ao mesmo tempo, realizada por ter colocado Cebolinha naquela situação. Magali que compartilha a brincadeira com sua amiga parece estar preocupada e aflita, provavelmente por não possuir a mesma força física que Mônica e, por isso, não poder sustentar o peso da "peteca". E ela assim o revela por apresentar uma expressão semelhante à de Cebolinha, para a qual os animadores utilizaram os mesmos recursos (aspas e linhas ao redor do corpo, boca cerrada e olhos esbugalhados).

A situação apresentada pode remeter o leitor a uma leitura de mundo em que o representante do sexo masculino (aqui personificado pelo personagem Cebolinha) é colocado na condição de objeto com o qual as mulheres podem brincar, manipular, estando assim numa condição superior, na posição de comando, dominando a situação. Sendo esta posição consagrada ao homem dentro de uma sociedade que cultiva e dissemina valores machistas e que é, conseqüentemente, influenciada por ideologias que privilegiam o masculino, o material produzido apresenta uma inversão de valores, caracterizada pela supremacia do sexo feminino, personificado por Mônica e Magali.

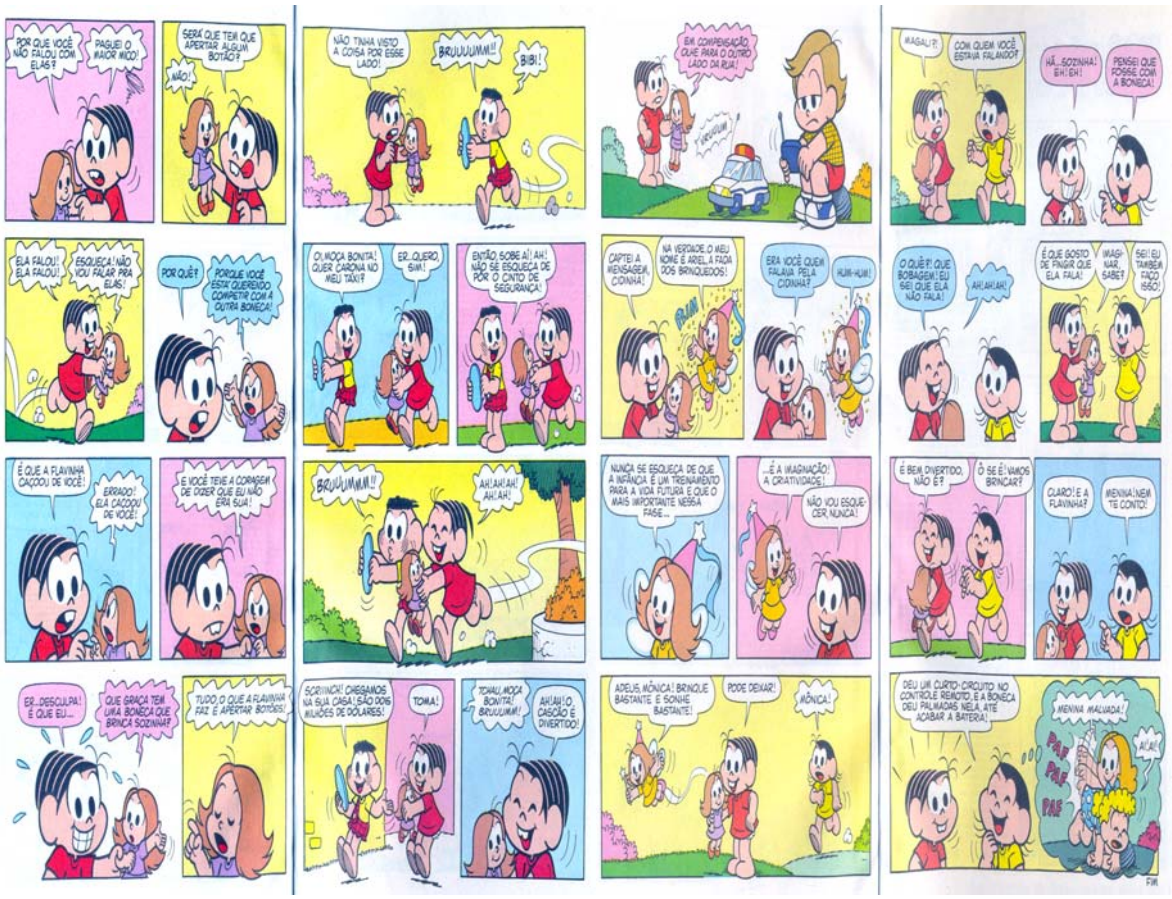
Mas a equipe de desenhistas proporciona a Cebolinha uma revanche, ao produzir outra capa numa edição imediatamente posterior da mesma revista na qual ele coloca uma enorme escova dental no armário de Mônica, o que serve para satirizar a sua condição de "dentuça". Na capa, o garoto endiabrado surge atrás da porta com sorriso evidentemente maquiavélico, fisionomia agressiva e, ao mesmo tempo, satisfeita com sua investida e a constatação de que Mônica ficou, mais uma vez, incomodada e revoltada com o insulto. As feições modificadas da menina, auxiliadas pelos recursos visuais dos quadrinhos (linha espiral sobre a cabeça e aspas atrás da cabeça) revelam seu estado de descontentamento e fúria: testa enrugada, boca travada e mãos na cintura, demonstrando o nervosismo e a disposição desafiadora de revidar, vingando-se do autor da ofensa.

O fato de o autor haver publicado uma capa após a outra pode sugerir uma certa preferência dele pela vitória e triunfo do sexo masculino, considerando-se que o material demonstrando uma situação de superioridade feminina foi editado antes e, logo depois, é publicada a edição em que os meninos, novamente, importunam a heroína mirim. E isto contribui também para revelar as marcas da influência de uma formação discursiva baseada na formação ideológica da qual o enunciador faz parte. Este fato, de certo modo, colabora para que seja operada no subconsciente dos leitores a idéia de que os homens sempre superarão as

iniciativas femininas, triunfando no final – ainda que isto seja apresentado num material simples, aparentemente ingênuo e desprovido de maiores pretensões educativas e filosóficas.

Por outro lado, é possível identificar a intenção e um certo interesse do autor-enunciador em abordar temas educativos através dos quais alguns aspectos de ordem ética, moral e psicológica que fazem parte da formação pessoal do indivíduo são destacados com o intuito de promover a reflexão da importância dos mesmos. Desse modo, ele procura mostrar bons hábitos a serem cultivados pelas crianças, atitudes positivas que devem ser adotadas e inseridas nas suas experiências e vivências pessoais, práticas que devem ser evitadas, além de mostrar atitudes negativas a serem banidas do cotidiano de qualquer indivíduo, contribuindo, assim, com a boa formação da personalidade.

É o que ocorre na história "A minha boneca só falta falar!", publicada na revista da Mônica de número 215, em maio de 2004. Na história destacada, Mônica vivencia situações difíceis ao encontrar outra garota, Flavinha, que por fazer parte de um extrato social mais privilegiado economicamente, tem a possibilidade de adquirir produtos mais caros e sofisticados tecnicamente; é o caso da sua boneca Matilde que faz diversas coisas diferentes, dependendo apenas de comandos do controle eletrônico.



Mônica está contente com Cidinha, sua boneca simples e desprovida de qualquer recurso tecnológico, e corre, ansiosa, para mostrá-la às suas amigas. Ao ver a performance de Matilde, Mônica surpreende-se e se sente envergonhada devido à simplicidade do seu brinquedo. Mas Flavinha, uma menina de personalidade esnobe e antipática, percebendo a situação, faz questão de evidenciar as diferença existentes entre sua boneca e a de Mônica, inquirindo-a sobre seu brinquedo. Mônica, sentindo-se bastante desconfortável e envergonhada, tenta dissimular para não ser colocada numa situação inferior diante dela e de sua amiga Magali.

Entretanto, Flavinha, abusando da soberba, humilha Mônica, demonstrando as qualidades de sua boneca e desdenhando das supostas limitações apresentadas pela boneca de Mônica. Mais uma vez, o enunciador recorre as adjetivações como uma estratégia discursiva para evidenciar as marcas de determinado discurso, que por sua vez está a serviço de uma ideologia. Assim, Flavinha classifica "Cidinha" de "bonequinha piquitica" e "bonequinha mal-feita", sugerindo maldosamente e com intenções depressiativas a má qualidade do brinquedo, ao dizer: "Que bonequinha mais fuleira! A sua prima deve ter comprado num camelô!". Os adjetivos combinados com o substantivo "bonequinha", utilizado

intencionalmente no diminutivo que neste caso assume a significação de algo que é inferior e de pouco valor, marcam o discurso da personagem Flavinha que se coloca numa posição social superior a de Mônica.

A ideologia em questão, aqui neste contexto, funciona como um instrumento de reprodução e disseminação de diferenças sociais marcadas pelo poder do consumo e obtenção de determinados bens materiais. E a possibilidade de obtenção destes bens materiais será determinada pela situação econômico-financeira dos indivíduos numa sociedade. Na aventura apresentada, as diferentes classes sociais são representadas por Mônica, que personifica o extrato social menos privilegiado financeiramente, e Flavinha que está situada num nível social que dispõe de mais recursos econômicos.

A pequena heroína fica visivelmente abatida e triste por não possuir um brinquedo tão versátil e interessante quanto o da sua coleguinha. Neste momento, a boneca adquire o poder de falar e conversa com Mônica (apenas com ela), para mostra-lhe os equívocos das suas atitudes diante do comportamento malvado de Flavinha. A narrativa recorre ao elemento fantástico, fazendo alusão aos contos de fada, e introduz a personagem "Ariel", "Fada dos Brinquedos", que vem alertar Mônica para os valores positivos que devem ser cultivados, evidenciando características importantes peculiares à fase da infância e que devem ser tomadas como referência pra a construção da personalidade da fase adulta. Neste momento, a protagonista da história reflete sobre seus posicionamentos e muda sua atitude, passando a valorizar seu brinquedo, do jeito como ele é constituído, projetando uma outra perspectiva para a sua utilização.

Com isso, pode-se afirmar que um dos pontos mais significativos da narrativa é o enunciado de "Ariel" quando ela diz: "Nunca se esqueça de que a infância é um treinamento para a vida futura e que o mais importante nessa fase... é a imaginação e criatividade!". Neste trecho, fica visível o discurso pedagógico do enunciador que procura auxiliar na formação educacional do leitor ao transmitir para ele a importância de cultivar características positivas desde a infância para que, mais tarde, elas façam parte da sua personalidade. Neste momento, Maurício de Sousa opera com valores morais e éticos recorrendo, subjetivamente, à outra estratégia narrativa utilizada pelas fábulas: a moral da história, apresentada no final da aventura, quando "Matilde", a boneca de Flavinha, apresenta defeito técnico fica fora de controle e dá palmadas na própria dona.

É possível afirmar que, mais uma vez, está subjacente ao discurso do enunciador a noção de castigo, tomando como referência o desfecho da história, no qual Magali revela, com

surpresa e espanto, a Mônica o problema apresentado pelo brinquedo de Flavinha, dizendo: "Menina! Nem te conto! Deu um curto circuito no controle remoto, e a boneca deu palmadas nela até acabar a bateria!". Ao mostrar o brinquedo voltando-se contra a sua proprietária o enunciador deixa subentendido que essa atitude representa o castigo recebido por Flavinha pelo fato de ter sido uma menina cruel, orgulhosa, que se deixou levar pela vaidade excessiva e pela soberba, humilhando e inferiorizando a colega. Isto fica ainda mais evidente no último quadro em que aparece o balão de pensamento, gerado a partir da lembrança de Magali, no qual a boneca diz, referindo-se a sua dona: "Menina malvada!".

O enunciado contendo a adjetivação para Flavinha revela a intencionalidade do autor em punir as atitudes negativas da personagem, confirmando o propósito de contribuir para a educação das crianças em fase de formação da personalidade. E a noção de castigo, presente no conteúdo da narrativa, também promove uma interface com o discurso difundido por instituições religiosas, sobretudo aquelas identificadas com as doutrinas católica e cristã, que por sua vez encontram-se vinculadas ao Aparelho Ideológico de Estado formado por representações religiosas responsáveis pela difusão de tais conceitos. A utilização deste conteúdo ideológico colabora para que o público leitor promova um resgate deste conceito em sua memória discursiva, levando-o a aderir, conseqüentemente, a esta ideologia, conforme aconteceu com o próprio enunciador quando o mesmo recorre ao referido conteúdo, proposto em sua narrativa.

O defeito da boneca ainda contribui para remeter a uma outra possibilidade de leitura, a qual envolve diferentes aspectos componentes do discurso da modernidade. A partir dele, verifica-se uma crítica feita aos avanços tecnológicos e a idéia, largamente difundida na cultura contemporânea, de que as máquinas e grandes invenções são a solução para todos os problemas da humanidade capaz de trazer a felicidade plena para todos os indivíduos. Essa interpretação faz-se coerente uma vez que observamos o deslumbramento de Mônica e Magali quando elas vêem a versatilidade da boneca "Matilde" e sua capacidade de realizar funções e movimentos que outras bonecas comuns não conseguiriam – como a boneca "Cidinha", por exemplo.

A dinâmica "Matilde", boneca movida a controle remoto e alimentada por baterias, aqui nesta aventura, representa a modernidade, o avanço tecnológico típico de uma nova era na história da humanidade, caracterizada por características como o individualismo, egoísmo, arrogância e despreocupação com o ser humano, seu semelhante. E o defeito apresentado por ela no final da trama, funciona como uma crítica sutil do enunciador que adere ao discurso que

propõe uma reflexão e tomada de consciência em relação aos avanços tecnológicos processados de modo inconseqüente e desenfreado, além do deslumbramento do ser humano diante destes avanços. Desse modo, a boneca eletrônica acaba sendo um reflexo da sua dona que apresenta personalidade distorcida por características e valores negativos como o orgulho, a vaidade excessiva e a soberba, considerados inadequados a uma boa personalidade, ao mesmo tempo em que representa a entidade que irá punir as atitudes negativas.

O alerta para estas questões vem da "Fada Ariel", personagem que introduz a reflexão acerca das questões éticas e morais, mostrando a Mônica que o real valor não está necessariamente na riqueza e recursos materiais, mas sim nos valores internos, subjetivos e subjacentes a boa personalidade. Por isso, ela não deveria se sentir encabulada e inferior por não possuir um brinquedo moderno e versátil como o da colega. Ao invés disso, deveria valorizar a sua boneca, que embora simples e humilde, permiti-lhe desenvolver ainda mais sua imaginação e criatividade, características que fariam parte da sua vida.

E Mônica realmente confirma essa nova perspectiva observando a criatividade de Cascão, brincando feliz com apenas um pequeno disco azul, imaginando ser um motorista dirigindo um táxi; Mônica experimenta a brincadeira e também se diverte. Em contrapartida, ela se espanta ao observar a monotonia e falta de imaginação do outro garotinho brincando com seu carro também movido a controle remoto, o que reforça a crítica feita pelo autor ao avanço tecnológico como um fator gerador de felicidade e satisfação pessoal.

Para a Fada Ariel, assim como para o enunciador do discurso (ao que se pode deduzir), a tecnologia pode interferir negativamente no desenvolvimento da criança uma vez que ela oferece através destes brinquedos, jogos e novas formas de divertimento um produto pronto, acabado, cerceando da criança, de certo modo, seu potencial inventivo e criador, limitando a mente sonhadora e criativa peculiar ao indivíduo na fase da infância. Isto pode ser inferido na mensagem deixada para Mônica pela Fada dos Brinquedos: "Adeus, Mônica! Brinque bastante e sonhe bastante!".

Mas apesar de haver a intenção de contribuir com o processo educativo das crianças e dos jovens leitores da Turma da Mônica, o enunciador insere nessa história – assim como em tantas outras – imagens e situações veiculadoras de elementos típicos do discurso predominantemente machista, contribuindo, assim, com a perpetuação da ideologia dominante, muito forte e determinante nossa sociedade. Estas situações, constantemente reproduzidas no universo infantil e infanto-juvenil real, procuram definir bem os espaços,

estimulando aspectos comportamentais que, por sua vez, ficam enraizados no subconsciente de cada indivíduo, influenciando suas práticas e relações sociais.

Por isso, desde cedo os meninos são estimulados a brincar com jogos e brinquedos que despertem o interesse pelo desafio e aventura, nos quais estejam colocados no papel de comando ou como dirigentes de determinado cargo ou função. Já as meninas são presenteadas com brinquedos e jogos que remetem ao ambiente doméstico e às funções tradicionalmente consagradas ao sexo feminino (um processo construído historicamente em determinadas culturas). Por isso, brincam de bonecas para as quais imaginam roupas e demais peças do vestuário, maquiagem e enfeites, localizando-as no lar em que elas cuidam dos filhos e desempenham as tarefas domésticas, além de imaginar para elas profissões como enfermeira, bailarina, professora dentre outras supostamente apropriadas para serem exercidas por mulheres, de acordo com o discurso da ideologia dominante.

Ao observar o espaço discursivo das personagens femininas e masculinas na história em questão é possível confirmar estas inferências, pois notamos uma caracterização bem tradicional e peculiar que apresenta as personagens femininas (Mônica, Magali e Flavinha) brincando de boneca, o que sugere uma certa passividade e pouco dinamismo. Elas então complementam a brincadeira imaginando as atividades que as bonecas podem desempenhar, atividades estas geralmente associadas ao sexo feminino, conforme é dito no enunciado da personagem Flavinha, no início da história: "...E ela dança, sapateia, nada quatro estilos, traduz inglês, italiano e russo e ainda fala 'mamãe'!". Já os personagens masculinos (Cascão e o outro garoto) aparecem brincando com carrinho ou inventando brincadeiras mais dinâmicas que sugerem desafio, aventura, movimento, nas quais eles exercem papel de comando e são possuidores de um instrumento que sugere força e poder, o que fica implícito na fala de Cascão quando ele propõe a Mônica: "Oi, moça bonita! Quer carona no meu táxi?".

Estas práticas sociais repetidas diversas vezes ao longo da trajetória de vida das crianças, sem dúvida, poderão exercer influência determinante no processo de formação da personalidade de cada indivíduo. Uma vez registradas na memória discursiva estas práticas, valores e vivências serão elementos constituintes da formação discursiva e ideológica dos sujeitos que as resgatarão em determinados contextos sociais, materializando-as e com isso contribuindo para disseminar e perpetuar determinadas ideologias. Contudo, vale ressaltar que o discurso pedagógico com fins educativos e viés filosófico predomina na história analisada, mostrando que, embora exista a presença marcante da ideologia dominante no discurso do

enunciador, ele em determinados momentos, adere a um discurso diferente proveniente de outra formação ideológica mais consciente e engajada (ou, no mínimo, “neutra”!).

Ao realizar uma leitura panorâmica do mini-universo feminino infantil aqui destacado, foi possível notar elementos discursivos que promovem interfaces com as ideologias dominantes, ao analisar alguns aspectos externos e internos à personalidade de algumas personagens (Mônica, em particular) e ao convívio social estabelecido entre estas personagens. Estes elementos ora ressaltam aspectos positivos e podem contribuir para resgatar e fortalecer a auto-estima dos indivíduos, ora podem servir como instrumentos legitimadores e reprodutores de preconceitos e valores negativos, sejam estes manifestados em tanto no micro-universo feminino infantil, como em outros constituintes da Turma da Mônica, a exemplo do micro-universo feminino juvenil que analisaremos no próximo item.

3.4 O micro-universo feminino juvenil: reproduzindo comportamentos e estereótipos

A predominância de personagens infantis no conjunto da obra de Maurício de Sousa é evidente e talvez se justifique, dentre outros fatores, pela necessidade de promover e manter a identificação com seu principal interlocutor, o público infantil, conquistando assim sua simpatia e fidelidade. Ao criar personagens que também são crianças, o autor lança mão de uma eficiente estratégia de marketing, adequando as histórias e contextos buscando promover semelhanças e aproximações com um mundo real e experiências vivenciadas pelas crianças que acompanham as aventuras da Turma. Desse modo, Maurício de Sousa procura transmitir não só emoção e magia, como também ensinamentos e lições de vida através do discurso pedagógico, filosófico e muitas vezes politicamente correto.

Entretanto, outras personagens figuram na sua obra, atuando, por assim dizer, como coadjuvantes nas narrativas e em contextos específicos, ou mesmo compondo micro-universos paralelos nos quais protagonizam suas próprias aventuras, fator que colabora para que estas personagens também façam parte do imaginário dos leitores, permanecendo então em suas memórias discursivas. Sendo assim, é possível identificar a existência de um micro-universo juvenil que chama atenção pela recorrência de aparições nas publicações da Turma da Mônica, embora apresente poucas personagens de destaque se comparadas àquelas pertencentes ao micro-universo infantil (mais populoso e popular!).

As principais personagens que fazem parte do contexto juvenil são Rolo e Zecão, principais representantes do clã masculino, com características e comportamentos semelhantes: ambos são mulherengos, bons de papo, simpáticos, adoram boa vida e futebol. Já o grupo feminino tem como personagens principais Tina e Pipa, que por sua vez também apresentam algumas semelhanças e, ao mesmo tempo, acentuadas diferenças psicológicas e físicas: Pipa é mais gorda, mais baixinha e um tanto desajeitada, sente-se pouco elegante, menos atraente e sensual; Tina, ao contrário, é apresentada como uma garota mais elegante e sensual, com um porte físico mais próximo de uma estética padronizada (curvas bem definidas, cintura fina, estatura mediana, de cabelos longos e lisos).

E dentro desse micro-universo juvenil da Turma da Mônica a personagem Tina destaca-se, sendo suas aventuras apresentadas com maior freqüência nas revistas da Mônica e dos demais personagens que possuem publicação própria. Assim, ela representa também a principal personagem do micro-universo feminino juvenil da obra de Maurício de Sousa, atuando em contextos peculiares aos jovens de sua faixa etária, vivenciando problemas, crises

e dilemas presentes no cotidiano de adolescentes e jovens do mundo não ficcional. Esta personagem começou a fazer parte da turma no ano de 1964 e desde o seu surgimento até então passou por transformações influenciadas pelos contextos histórico-culturais da sociedade, refletindo padrões de comportamento e estimulando a discussão de valores vigentes em determinadas épocas.

As transformações apresentadas por Tina podem servir como uma metáfora das transformações ocorridas entre os adolescentes na puberdade, fase da vida em que grandes e decisivas mudanças fisiológicas e psicológicas operam-se naturalmente em todos os adolescentes, preparando-os para a fase da juventude. Algumas dessas mudanças podem ser observadas nas ilustrações extraídas da edição comemorativa Maurício trinta anos: tudo sobre a Turma da Mônica, editada em junho de 1990, e da revista Parque da Mônica, publicada em novembro de 2004, conforme veremos a seguir:

As ilustrações mostram as variadas fases da personagem Tina que apresentou mudanças radicais. No primeiro quadro ela surge caracterizada com o uma adolescente magra de tipo físico esguio e desajeitado, metida num visual *hippie*, usando calça cumprida, modelo boca de sino, bata colorida, sapato alternativo e adereço bem exuberante (colar longo com grande pingente amarelo). Os óculos grandes e arredondados ajudam a compor o visual sugerindo maturidade e sabedoria, provavelmente em alusão aos intelectuais da época que

aderiram ou foram simpatizantes do movimento. Seu perfil psicológico neste momento é complementado pela atitude um tanto displicente e tranqüila, sugerindo a atmosfera "paz e amor", lema típico da década de 70, no século passado.

As aspas colocadas atrás do corpo da personagem dão idéia de movimento, deslocamento, aspecto que pode ser interpretado como o início de um caminho a ser trilhado em busca de objetivos, da concretização de planos e ideais, comportamento muito comum naquele momento histórico no qual a sociedade vivia sob um governo autoritário regido pela ditadura militar. Pode ser, portanto, uma escolha política, um posicionamento do enunciador, sujeito veiculador de um discurso engajado, identificado com causas libertárias, que enuncia através dos signos e símbolos (linguagem não verbal) de forma tímida e pouco aprofundada.

Os anos passaram e Tina surge com um novo visual, mais adulto e despreocupado (próprio de alguém que não tem sérios compromissos a cumprir), aparentemente sem vinculação direta com movimentos político-culturais ou qualquer filosofia de vida. Os cabelos ficaram um pouco mais longos, a boca carnuda e mais bem definida sugerindo a sensualidade de uma garota adolescente que passou pela puberdade e está se transformando numa jovem moça com mais maturidade. Conforme pode ser observado no segundo quadro, os óculos da personagem foram reduzidos como uma provável indicação do apelo juvenil estimulado pelo desejo de aparentar e exibir a beleza externa, exigência da vaidade peculiar às jovens nessa faixa etária.

Nesta fase, a personagem aparece com o porte físico bem definido o que pode ser percebido pelo contorno das curvas do seu corpo, evidenciado pela bermuda jeans num modelo mais arrojado (curto com detalhes na bainha), pela cintura fina e levemente à mostra, e também pelo busto realçado no decote da blusa. A estampa da blusa com desenhos em forma de coração, combinada com as borboletas ao seu redor, sugerem que a inocência e ingenuidade ainda fazem parte do perfil psicológico da personagem. Já a maçã vermelha levemente mordida em cominação com o batom também em tom avermelhado contribuem para que o leitor resgate na sua memória discursiva aspectos como sensualidade, erotismo e sedução, significações geralmente associadas a estes signos e que passam a compor o perfil da jovem Tina.

Atualmente a Tina que estrela diversas histórias nos exemplares da Turma da Mônica não apresenta grandes diferenças estéticas da Tina dos anos 90. Ela mantém o charme e a sensualidade sutil, características que atribuem um perfil sexy e atraente à sua personalidade. Os cabelos lisos ficaram ainda mais longos, os óculos foram substituídos por um modelo mais arredondado e o corpo ficou mais bem definido. Talvez as mudanças mais acentuadas sejam

de ordem psicológica, pois ela aparece nas narrativas com temperamento mais forte, postura mais emotiva, dinâmica e, de certo modo, mais individualista.

Na maioria das aventuras, Tina é caracterizada como uma jovem que está sempre preocupada com a aparência física (beleza externa) e a busca de um namorado (o homem ideal, o "príncipe encantado" dos contos de fadas) cheio de virtudes, com o qual ela projeta a construção de um relacionamento talvez mais duradouro. Isso, de certo modo, justifica a preocupação com a aparência e a apresentação social, considerando-se que a personagem sempre exibe novos modelos no seu vestuário. Psicologicamente, apresenta ainda o perfil típico de uma jovem do mundo real na sua faixa etária, manifestando insegurança e indecisão nas suas escolhas, atração pelo mundo do consumo com seus produtos apelativos e atraentes, sobretudo para o público feminino, além do desejo de independência, privacidade e liberdade – aspirações comuns a todo jovem independentemente de gênero, etnia ou extrato social.

Entretanto, o enunciador não parece ter a preocupação de retratar outros dilemas reais da juventude como a participação em movimentos políticos, acontecimentos culturais ou questionamentos de ordem filosófica com um maior grau de aprofundamento e elaboração. Diversos acontecimentos do cotidiano real são pouco retratados por este segmento do micro-universo feminino. Não há o estímulo a discussões de temas muito recorrentes na juventude como, por exemplo, a gravidez na adolescência, a prática sexual com uso de preservativos visando evitar doenças, a questão do primeiro emprego ou mesmo o debate sobre a qualidade do ensino e a discriminação sofrida pela mulher na sociedade.

Por isso, alguns aspectos e temas importantes para a formação do indivíduo aparecem nas histórias estreladas por Tina de modo, muitas vezes, superficial e inconsistente, fazendo parte das narrativas não como o foco central do enredo, mas sim como argumentos periféricos. Conseqüentemente, certos comportamentos e valores de ordem moral e ética não são abordados com mais aprofundamento e seriedade, dificultando a assimilação de mensagens mais produtivas do ponto de vista educacional, por parte do público leitor.

De um modo geral, a personagem Tina mostra-se mais preocupada com questões aparentemente superficiais e individuais, revelando maior interesse por aspectos que dizem respeito ao seu próprio bem estar, além de problemas de ordem sentimental, um traço comportamental bem característico do jovem pós-moderno. Assim, é possível verificar em algumas aventuras a abordagem de tais temas, ainda que de maneira tímida e sutil, como pode ser visto na história a seguir:

TINA
LIVRO OU SAPATO? EIS A QUESTÃO!
TIVE QUE DETONAR AS MINHAS ECONOMIAS, MAS FOI POR UMA BOA CAUSA!
LIQU
SE NÃO COMPRAR O LIVRO QUE O PROFESSOR INDICOU, NÃO POSSO FAZER O EXAME FINAL!
LIQUIDAÇÃO
QUE SAPATO LINDO!
O QUÊ? ESSE PREÇO SÓ PODE ESTAR ERRADO!
40,00
POSSO AJUDÁ-LA, SENHORITA?
POR ACASO, VOCÊS NÃO SE ENGANARAM QUANDO PUSERAM O PREÇO NESSE SAPATO?
40,00
HÃ? QUEM FEZ ISSO? QUE ABSURDO!
EU SABIA!
VOU DESCOBRIR O RESPONSÁVEL!!
QUE PENA!
DO QUÊ ESTOU FALANDO? SÓ TENHO DINHEIRO PRA COMPRAR O LIVRO!
TOMAZINHO, SAPATO! QUANDO EU ESTIVER MAIS ABONADA, COMPRO UM PARECIDO!
SENHORITA, FOI ERRO DE UM GAROTO QUE CONSEGUIU HOJE NO EMPREGO!
O PREÇO CERTO É CENTO E CINQUENTA!
EU AGRADEÇO À ATENÇÃO, MAS NÃO TENHO ESSE DINHEIRO!
SÉRIO?
MAS O MEU GERENTE ME AUTORIZOU A FAZER POR ESSE PREÇO PARA VOCÊ!
EH, EH! ESSE GOLPE NUNCA FALHA!
MESMO ASSIM, NÃO VOU PODER LEVAR!
E NÃO PODE PEGAR NA BIBLIOTECA?
O QUÊ? POR QUE NÃO?
PRECISO DO DINHEIRO PRA COMPRAR UM LIVRO!

AQUELE VENDEDOR SALVOU O MEU DIA! AGORA, É SÓ PEGAR O LIVRO NA BIBLIOTECA E CASO ENCERRADO!
?
SÓ QUE...
OS LIVROS DESSA MATÉRIA ESTÃO TODOS EMPRESTADOS!
ESSA, NÃO!
E AGORA? QUEM PODE TER ESSE LIVRO PRA ME EMPRESTAR?
EMPRESTE! PRO ZECÃO!
O ROLO FOI PRA CASA DA AVÓ, NO INTERIOR, PRA PODER ESTUDAR PRO EXAME!
LI E EMPRESTE! PRO ROLO!
ESSA, NÃO!
EU NÃO DEVIA TER DEIXADO A VAIDADE FALAR MAIS ALTO QUE A RAZÃO!
SERÁ QUE A LOJA PEGA O SAPATO DE VOLTA E ME DEVOLVE O DINHEIRO?
DEVOLVEMOS O DINHEIRO, SIM, SENHORITA!
QUE BOM!
AQUI ESTÃO OS SEUS VINTE REAIS!
O QUÊ? MAS PAGUEI QUARENTA!
É QUE AGORA ELES ESTÃO USADOS!
NÃO! NEM TIREI DA SACOLA!
É O QUE TODOS DIZEM! USAM, PASSAM UM PANINHO E TENTAM DEVOLVER!
MAS EU NÃO...
AH! DEIXA PRA LÁ!
HUM!
É A RENATONA! E ESTÁ LENDO O LIVRO!
OI, RENATA!
TINA! QUE SURPRESA! O QUE FAZ POR AQUI, MENINA?
EU ESTAVA INDO PRA LIVRARIA COMPRAR ESSE LIVRO QUANDO...
COMPRAR?
É PRO EXAME!
NÃO VAI COMPRAR, NÃO! EU JÁ ACABEI DE LER!
TAP

Na história intitulada “Livro ou Sapato? Eis a Questão!”, editada na Revista Parque da Mônica, número 138, publicada em junho de 2004, Tina vive um dilema materializado pela necessidade de adquirir um livro que servirá como material de estudo para seu exame escolar e a vontade de adquirir um lindo sapato, visto por ela na promoção de uma determinada loja.

Em seu caminho, ela se depara com um vendedor mercenário, funcionário da referida loja, que a engana mentindo sobre o real valor do produto tão cobiçado pela moça, adotando

uma postura falsamente benevolente e aconselhando-a a adquirir o livro que ela precisa numa biblioteca, a título de empréstimo, para que possa aproveitar o saldo promocional, adquirindo assim o sapato. Tina, por sua vez, seduzida pela idéia de conseguir, ao mesmo tempo, o que necessita e o que deseja, concorda com os argumentos do vendedor desonesto, realiza a compra e vai em busca do livro na biblioteca.

Na narrativa em questão, fica subentendido que o enunciador opera com conceitos relacionados a valores morais e filosóficos como honestidade, razão, verdade/mentira e vaidade para mostrar que tipo de conduta deve ser adotada pelas pessoas e, conseqüentemente, praticada por elas no cotidiano. A sedução promovida pela vontade de adquirir o sapato, um bem material de menor importância em relação ao livro, neste caso, conduz Tina a agir impulsivamente dando lugar à vaidade em detrimento da razão. Isso pode ser comprovado pelo enunciado proferido por ela, no primeiro quadrinho da segunda página da história no qual ela diz, admirada: "Que lindo sapato!!". A expressão de euforia estampada em seu semblante, auxiliada pelas linhas dispostas ao redor do seu rosto (recurso icnográfico bastante utilizado nas HQ´S) servem para mostrar seu entusiasmo diante do objeto de desejo, reforçando assim o significado da mensagem verbal.

Ao ver o preço na vitrine ela duvida e, desconfiada, confere a oferta anunciada perguntando ao vendedor que aproveita para ludibriá-la. Neste momento a vaidade parece ceder lugar à razão e Tina resolve abdicar do seu objeto de desejo, o que fica evidenciado nos enunciados da terceira página, contidos nos balões de pensamento. Mas o vendedor a convence e ela resolve investir seu dinheiro no sapato, colocando em segundo plano o livro e, com isso, os estudos. Porém, ela se arrepende da escolha feita ao não conseguir na biblioteca o livro procurado. A situação simulada na trama assemelha-se a muitos contextos da vida e é bastante recorrente no universo não ficcional em que as pessoas, sobretudo dos adolescentes e jovens, priorizam a aquisição do prazer imediato ao invés do investimento em algo mais valoroso e duradouro, como, por exemplo, o desenvolvimento intelectual e a aquisição do conhecimento, mas que, no entanto, será usufruído de um outro modo.

A idéia de que o enunciador pretende promover um confronto entre dois valores paradoxos a razão e a "emoção", aqui representada pela vaidade, é confirmada no último quadro da sexta página, no qual Tina corre, aflita, para tentar reparar o erro cometido, momento em que ela declara: "Eu não devia ter deixado a vaidade falar mais alto que a razão!!". A negação da ação verbal evidenciada pela forma negativa da locução verbal "não devia ter deixado", auxiliada pela expressão popular "falar mais alo que" referenda o posicionamento do autor, neste momento, em relação ao que deve ser a postura correta a ser

adotada em contextos como este. O arrependimento da jovem é revelado quando ela diz "Será que a loja pega o sapato de volta e me devolve o dinheiro?!", o que mostra sua disposição em fazer a reparação dos seus atos.

São, portanto, dois posicionamentos ideológicos antagônicos que se confrontam e constantemente disputam espaço. O primeiro encontra-se identificado com a idéia do consumo material, que nem sempre representa algo realmente necessário para proporcionar o bem estar, e aqui nesta história é representado pelo sapato. Esta postura, por sua vez, estará a serviço de uma ideologia capitalista e alienante, corroborando a ideologia dominante. O segundo posicionamento identifica-se com uma ideologia mais conscientizadora e libertária em que a aquisição do conhecimento assume valor primordial na vida dos indivíduos. E na referida narrativa ele está representado pelo livro, que se constitui como um símbolo universal do saber e do conhecimento.

A solução encontrada por Tina para resolver seu problema é conseguir o livro emprestado aos colegas, já que a loja não aceitou a devolução do produto, demonstrando mais uma vez a esperteza e desonestidade do vendedor. Assim, ela toma o livro emprestado, soluciona o impasse, e prepara-se para o exame, mas depara-se com outro dilema: devolver à loja o sapato danificado pelo mau uso de Renatona, colega que lhe empresta o livro e usa o sapato como forma de compensação pelo favor prestado. Neste momento, Maurício de Sousa, coloca em questão a discussão de outros valores morais igualmente antagônicos: honestidade versus desonestidade (esperteza), que já haviam se manifestado na figura do vendedor.

A decisão tomada por Tina de devolver o sapato (mesmo danificado) funciona como uma espécie de lição de moral, para ensinar ao vendedor que não é correto lançar mão da esperteza e se aproveitar das pessoas. Este recurso, característico das fábulas, freqüentemente se faz presente nas histórias criadas pelo narrador, como uma estratégia pedagógica para transmitir determinados ensinamentos com mais eficiência e clareza. E a protagonista confirma isto no diálogo realizado com o vendedor mercenário nos quadrinhos finais da história, quando devolve o produto e recebe o dinheiro de volta. Neste momento, ela fica indignada ao saber que a intenção do vendedor é colocar o produto de volta na vitrine e vendê-lo como novo, e esbraveja interpelando-o: "Ei, isso não é honesto!"; ao que ele responde, rindo e expressando fisionomia sinistra: "Minha filha, o mundo é dos espertos!".

A lição de moral é explicitada em um dos argumentos de Tina, materializado no enunciado: "Não foi bonito o que eu fiz, mas ele merecia uma lição!". O item lexical "mas" que funciona como elemento indicador de adversidade é utilizado neste contexto para revelar que a protagonista sabia que praticou uma atitude pouco recomendada, porém justificada pelo

equívoco maior do outro, ou seja, o erro de Tina foi absolvido pelo erro do vendedor que merecia ser castigado. E mais uma vez constatamos a presença do discurso cristão, difundido pelo Aparelho Ideológico de Estado ligado às instituições religiosas e que parece muito recorrente na formação discursiva e ideológica do sujeito discursivo criador da Turma da Mônica.

Embora os ensinamentos transmitidos pela lição de moral sejam, talvez, um dos aspectos mais positivos desta história, é possível verificar na seqüência final da narrativa o posicionamento da protagonista, que em última instância, pode ser interpretado também como o posicionamento ideológico do enunciador. Nos enunciados finais de Tina, ela diz, indignada e furiosa consigo mesma: "Eu também aprendi a lição! Vou ver melhor como gasto o meu dinheiro e...", revelando que reconhece as atitudes erradas tomadas por ela e está disposta a corrigi-los futuramente. Vale lembrar que o autor aproveita, inclusive, para despertar a consciência quanto a outros assuntos importantes, sobretudo nos tempos atuais: o cuidado com os gastos e a necessidade de planejamento do orçamento financeiro.

Entretanto, a maior evidência de que o posicionamento do autor está mais identificado com a lógica do consumo e, conseqüentemente, com a ideologia capitalista dominante é revelada pelo comportamento de Tina nos últimos quadrinhos da história. A jovem pára diante da vitrine de outra loja e, mais uma vez, observa com aparente deslumbramento, um outro produto que está em promoção. A atitude de Tina deixa subentendido o seu desejo de realizar a compra do material, mesmo não necessitando dele. Isto pode ser afirmado ao analisar esta seqüência final em que, primeiro ela declara ter aprendido a não gastar impulsivamente comprometendo seu dinheiro em vão, e logo em seguida demonstra o desejo de comprar mais uma peça para seu vestuário, dizendo: "Que blusinha linda!".

A história parece terminar do mesmo modo como começou e considerando-se que o último enunciado funciona como a palavra final do autor, sujeito do discurso, fica implícita, de certa maneira, a intenção de reafirmar a atitude de Tina como um comportamento que sempre prevalecerá nesses contextos. Para o público leitor, formado em grande parte por crianças com pouco poder de abstração e análise crítica, conforme já dissemos anteriormente, a grande lição que ficará na memória discursiva e ideológica é a do consumo sem culpa, ainda que desnecessário.

Outros conceitos e pontos de vista presentes nas aventuras de Tina e que também puderam ser observados nas histórias de Mônica (conforme vimos anteriormente) são aqueles relacionados ao discurso da estética física perfeita, a "beleza ideal" estabelecida como padrão único para todas as pessoas numa determinada sociedade. Este discurso que está a serviço de

uma ideologia dominante com base em pilares eurocêntricos, inferiorizando ou mesmo excluindo outros referenciais de beleza oriundos de culturas distintas, pode ser percebido na história “Quem ouve voz, não vê cara, não!”, publicada em janeiro de 2004, na revista da Mônica, número 211, na qual a protagonista da narrativa ouve um programa de rádio da “Estação Limoeiro FM” e se encanta com a voz do locutor desconhecido, conforme observamos nas imagens seguintes:

Após ouvir a bela voz do locutor, Tina fica bastante eufórica e tenta participar da promoção feita pela estação rádio, cuja premiação será um jantar com Plínio Araújo, o referido locutor. Neste momento, ela passa a imaginar, de modo bastante sonhador e contemplativo, como deve ser o rapaz, idealizando-o de acordo com seus desejos e vontades. É a partir deste momento que o posicionamento ideológico do enunciador, transmitido pelo seu discurso, começa a ser evidenciado e materializado através do discurso de Tina.

Já no segundo quadrinho da história, o autor/enunciador, lançando mão dos recursos icnográficos típicos das HQ´s e também da linguagem não verbal, apresenta um desenho da protagonista no qual ela surge pensativa imaginando como deve ser o perfil estético do locutor. Neste mesmo quadro aparece também sobre sua cabeça um balão de pensamento onde é projetada possível imagem de Plínio Araújo, sendo este caracterizado como o moço de pele clara, cabelos loiros e lisos, olhos verdes, aparência simpática e um exuberante sorriso.

Ao saber da campanha promovida pela rádio e estimulada também pela imagem idealizada do locutor, Tina tenta ser premiada e ao conseguir mostra-se ainda mais entusiasmada. Radiante, ela conta a novidade a sua amiga Pipa que a questiona sobre a sua projeção positiva a respeito de alguém que ela não conhece. Tina, então, atribui sua certeza a associação da possível imagem, para ela ideal, com a voz do locutor, ouvida pela transmissão

de rádio e afirma: “Ele só pode ser lindo! A voz é linda!”. A utilização do advérbio “só”, que aqui aparece como um elemento lingüístico indicador de evidência, obviedade, auxiliado pelo verbo poder no presente indicativo (modo da certeza e da afirmação) funcionam como elementos de afirmação categórica para excluir qualquer outra possibilidade diferente daquela esperada (ou mesmo desejada): se ele “só pode” ser lindo, significa dizer que ele não é feio, em hipótese alguma.

Mas Pipa insiste em seu questionamento, lançando dúvidas às certezas da amiga e, exemplificando com o caso do seu tio, ela diz: “Você conhece o meu tio Simão?”, e complementa com argumentos que contribuem para reforçar o posicionamento ideológico do enunciador: “Ele tem a voz de galã de novela, mas é velho, baixinho e careca!”. A conjunção adversativa “mas” caracteriza a oposição entre o que é ideal e o que é real, sendo também o não desejado, neste contexto, de acordo com o ponto de vista da personagem Pipa e conseqüentemente o enunciador (Maurício de Sousa). Para eles (enunciador e locutor), “ter voz de galã de novela”, o que se subentende ter corpo, rosto, postura e demais características peculiares a um galã, representa o ideal, a perfeição, dentro de um padrão de beleza pré-concebido e pré-construído histórica e culturalmente.

A figura do tio de Pipa representa a oposição, o contraste do padrão estético idealizado pelas personagens, que na verdade é, provavelmente, o padrão estético presente na memória discursiva do autor/enunciador, com o qual ele se identifica: tio Simão “é velho, baixinho e careca!”. As adjetivações utilizadas para caracterizar esta personagem revelam o preconceito em relação às pessoas pertencentes a uma faixa etária mais avançada, àquelas que possuem pouca estatura física, e ainda a um outro grupo, que por problemas de ordem genética ou de saúde, apresentam diferenças fisiológicas, os carecas.

Desse modo, o operador argumentativo “mas” funciona como o elemento verbal revelador da oposição entre o conceito daquilo que é ideal (bom, positivo, adequado) a “ter voz de galã de novela” e o que fora caracterizado, neste contexto, de modo implícito, como o real, ou não ideal, (ruim, negativo, indesejável) “ser velho, baixinho e careca”. E isto vem a ser confirmado por Tina, que introduz sua contraposição iniciando seu enunciado com o mesmo operador argumentativo em questão: “Mas o Plínio Araújo não é assim! Ele é alto, loiro, olhos verdes, furinho no queixo...”, e sua amiga exclama apreensiva, desejando que assim seja: “Tomara!”.

Ao se despedir de Tina, Pipa faz ressalvas finais cogitando a possibilidade de seu pressentimento ser concretizado e, mais uma vez, questiona a amiga: “Mas o que você vai fazer se ele for um tio Simão?”. Implicitamente atribuindo à expressão “um tio Simão” uma

nova significação – Tio Simão, neste momento, passou a significar tudo aquilo que a idealização de Tina em relação ao locutor da rádio não previa, ou seja, alguém não loiro, não alto, com os olhos de outra cor... enfim alguém com outro perfil, não ideal, desprovido de beleza ou qualquer outro tipo de atrativo físico.

Imediatamente Tina sentencia recorrendo a uma expressão bastante popular: "Vira essa boca pra lá!", revelando, com isso, o comportamento um tanto supersticioso da personagem, reforçando, mais uma vez, a constatação da presença de traços ideológicos difundidos pelo Aparelho Ideológico de Estado ligado às instituições religiosas, presentes na memória discursiva do autor. E isso é confirmado pelo próprio Maurício de Sousa em seu livro de crônicas (2000: 11), no qual ele revela a influência religiosa recebida de sua família:

> Não sou místico. E venho da clássica família brasileira onde pais e avós seguem ou freqüentam religiões diferentes. Meu pai, por exemplo, era espiritualista, enquanto minha mãe era católica de igreja e missa. Vovó era espírita com direito a sessões de "mesa branca" duas vezes por semana, ao passo que no vovô, de vez em quando, "baixavam entidades" bem próximas do que eu vejo hoje no candomblé.

A partir de seu relato fica evidente a interferência do sincretismo religioso no seu discurso, uma vez que seus parentes exerciam práticas religiosas diversas, oriundas de diferentes instituições, e estas, por sua vez, mantiveram-se presentes na memória do autor. As experiências vivenciadas por Maurício de Sousa do sincretismo religioso presente em nossa sociedade certamente o influenciaram e, por isso mesmo, elas estão presentes no conjunto de sua obra, ainda que de modo implícito, pois fazem parte de sua memória discursiva e formação ideológica.

Novamente, é possível perceber, agora de modo bastante explicito uma vez que fora verbalizado, o posicionamento do autor em relação a um determinado padrão estético através do discurso enunciado pela protagonista da história. Ao utilizar os adjetivos para reafirmar a caracterização do locutor imaginada por Tina (alto, loiro, olhos verdes, furinho no queixo...), Mauricio de Sousa revela sua adesão ao discurso disseminado por uma ideologia dominante que estabelece e propõe um modelo padronizado de beleza física largamente difundido pela mídia, via cinema, revistas, novelas, música e diversos outros meios de manifestação cultural. E estes meios de produção artística, por sua vez, estão vinculados aos Aparelhos Ideológicos de Estado responsáveis pela difusão da cultura, formação educacional, moral e filosófica do sujeito, o que referenda a idéia de que estes estereótipos estão presentes neles.

Ainda bastante envolvida em sua fantasia, que supostamente está prestes a ser realizada, Tina prepara-se minuciosamente para o encontro esperado, cuidando da produção visual (cabelo, maquiagem, vestuário...), sem esquecer o comentário da amiga. Ao ouvir o toque da campainha, Tina, cautelosa e desconfiada, verifica pela janela do seu quarto, assustando-se com o que vê: a figura de tio Simão que, coincidentemente, resolve visitar a família dela. Sem saber do que está acontecendo, Tina dispensa o locutor sem sequer vê-lo, pois acredita que ele é o senhor que primeiro tocou a campainha. A confusão é desvendada no final da história quando o verdadeiro Plínio Araújo aparece pensativo e desolado por não ter conhecido a jovem que ele supunha "parecer tão legal", julgando-a pelo mesmo critério que ela o teria julgado anteriormente: a empatia criada a partir da voz.

Outra vez, o final da história contribui para revelar uma possível adesão do autor/enunciador ao discurso de uma ideologia dominante, disseminadora de padrões estéticos de beleza, comportamentos e valores eurocêntricos. Isso fica claro pelo fato de o autor ter apresentado o verdadeiro Plínio Araújo do mesmo modo como Tina havia idealizado: um rapaz alto, loiro de olhos verdes, detalhe no queixo, realçando a expressão facial... Embora a protagonista não tenha encontrado de fato o locutor, as imagens do último quadro servem para mostrar a "palavra final" do sujeito enunciador, que de certo modo revela o posicionamento dele quanto à questão da imposição de padrões estéticos de beleza física.

Contudo, é inegável que Tina situa-se no centro do micro-universo feminino juvenil da Turma da Mônica, atuando em histórias e aventuras próprias ou em parceria com outros representantes pertencentes a este contexto. Embora a abordagem e discussão de temas mais produtivos do ponto de vista pedagógico e filosófico não se façam presentes em suas aventuras, o que seria muito positivo para contribuir com a formação de diversos jovens que compõem o público leitor das histórias de Mauricio de Sousa, a personagem Tina conquista a simpatia de muitos leitores, vivendo situações divertidas e descontraídas, algumas delas muito semelhantes às vividas pelas pessoas na realidade.

No entanto, estas narrativas também não estão isentas de transmitir valores, comportamentos e ideologias, muitas delas perigosas porque colaboram com a disseminação de preconceitos e atitudes discriminatórias, além de contribuírem com a perpetuação de uma hierarquia social e com a manutenção do poder hegemônico nas mãos da classe dominante que opera com a ideologia dominante. Isto é um fator bastante recorrente no interior de toda obra de Maurício de Sousa, conforme acontece também no interior de micro-universo feminino infantil e poderá ser observado no que chamaremos de micro-universo feminino das personagens adultas, item apresentado a seguir.

3.5 O micro-universo feminino adulto: as mães/donas de casa

Levando-se em consideração que o público infantil é o principal interlocutor de Maurício de Sousa e o conjunto de sua obra, é perfeitamente compreensível o predomínio das crianças como protagonistas no universo da Turma da Mônica. Por isso mesmo, elas são mais conhecidas pelo público em geral, aparecem num maior número e possuem uma quantidade maior de publicações e aventuras. Ainda assim, é possível verificar a presença de personagens pertencentes a outras faixas etárias – como a juvenil (anteriormente analisada) e a adulta, por exemplo – constituindo micro-universos ficcionais paralelos, sendo estes também responsáveis pela transmissão de crenças e valores que, por sua vez, estarão a serviço de determinadas ideologias.

O micro-universo adulto é formado principalmente pelos pais dos personagens infantis e jovens, além de outras figuras que aparecem em algumas tramas de maneira mais esporádica. A aparição dos pais nas aventuras da Turma geralmente cumpre a função pedagógica de transmitir bons ensinamentos, valores positivos, além de corrigir os comportamentos inadequados e atitudes negativas praticadas pelas crianças e jovens. É, sem dúvida, uma eficiente estratégia educativa que ocorre com o auxílio da função lúdica, bastante peculiar à produção quadrinizada, através das quais o enunciador difunde pelo seu discurso modelos de pensamentos e comportamento a serem seguidos, contribuindo assim com a boa formação do indivíduo.

Entretanto, esta pequena parcela do mundo encantado produzido por Maurício de Sousa não está isenta da influência de discursos atravessados por ideologias das mais diversas possíveis. E algumas delas, como já mencionamos em capítulo anterior, podem estar a serviço de instituições e aparelhos ideológicos interessados na difusão e manutenção de hierarquias sociais e da hegemonia de grupos organizados socialmente. Desse modo, podemos verificar que a representação do masculino e do feminino no conjunto desta obra é feita de maneira diferenciada, aspecto que contribui para preservar estereótipos capazes de difundir e perpetuar visões de mundo e conceitos relacionados ao homem e à mulher.

Por isso, ao traçar um breve paralelo entre os personagens adultos masculinos e femininos, é possível estabelecer certas diferenças que, embora sutis, podem fazer grande diferença para uma criança em processo de formação, por exemplo. Assim, é muito comum ver a figura masculina sendo representada pelo pai que geralmente está saindo para o trabalho ou chegando dele, vestido com terno e gravata, carregando uma mala ou objetos típicos de sua

profissão, dirigindo automóveis ou em funções de comando. Quando estão em casa, na maioria das vezes, aparecem sentados lendo jornais ou revistas, assistindo televisão ou executando algum conserto em alguma parte da casa. Já a figura feminina é geralmente projetada como a mãe que vive no ambiente domestico, a típica dona de casa muito semelhante ao paradigma real em nossa sociedade.

Assim, as personagens femininas adultas formam um micro-universo composto basicamente pelas mães das personagens infantis e infanto-juvenis que compõem o conjunto da obra de Maurício de Sousa, além de outras personagens com menor destaque narrativo que aparecem esporadicamente em algumas histórias. São figuras apresentadas como pessoas pertencentes a uma faixa etária média, com feições relativamente jovens, carismáticas, pacientes e aparentemente agradáveis. Entretanto, apesar de viverem numa época moderna e aparentarem jovialidade, as mães das personagens são quase sempre apresentadas no ambiente doméstico, desenvolvendo atividades relativas ao lar: preparando as refeições, servindo o café da manhã, almoço ou jantar, lavando a louça, arrumando a casa, dentre outras atividades.

As mães das personagens surgem caracterizadas com roupas típicas: vestidos fechados, aventais, saias longas, lenços ornamentando (ou prendendo) os cabelos, apesar de aparentarem jovialidade. Os diálogos geralmente envolvem questões relativas ao lar, aos filhos e são, na maioria das vezes, realizadas com os filhos ou o próprio cônjuge – a linguagem pictórica constitui-se como um rico material da produção discursiva nestas histórias. A este respeito, Adriana Pedreira Telles Pereira, em sua Dissertação de Mestrado intitulada "...Enquanto isso, na sala de justiça: leitura de representações culturais e práticas no discurso das Histórias em Quadrinhos" (2002: 78), constata:

> Na maior parte das vezes (exceto quando saem às compras ou a passeio), as mães dos personagens são representadas como donas de casa. As situações mais comuns são os serviços domésticos e/ou a interlocução com os filhos. O *background* é o interior da casa.

O discurso apresentado nas histórias ocorridas neste micro-universo é fortemente marcado por uma ideologia perpassada pela voz masculina, que caracteriza a formação discursiva de onde advém essa voz. E essa voz, materializada pelo discurso do enunciador (o escritor, Maurício de Sousa) corrobora, de certo modo, o discurso culturalmente arraigado e historicamente construído em nossa sociedade. A formação discursiva do enunciador, conforme constatamos anteriormente, está fortemente marcada por uma formação ideológica

que apresenta características machistas e patriarcais, o que contribui para configurar o universo feminino a partir de uma perspectiva masculina e dominadora. Não deixa de ser, portanto, um exemplo típico de exercício do poder e de manifestação da ideologia dominante.

Desse modo, ao realizar diversas leituras de revistas da Mônica foi possível destacar do seu universo ficcional algumas cenas nas quais as mães das personagens são apresentadas em situações e contextos semelhantes aos anteriormente mencionados. Neles a presença de determinados conceitos e valores sócio-culturais contribui para formar opiniões e definir comportamentos capazes de veicular preconceitos, cristalizando, assim, certos discursos e ideologias em nossa sociedade.

Apesar de serem breves as aparições destas personagens, elas servem como exemplos das formas de representação narrativo-icnográfica das mulheres adultas no universo ficcional produzido por Maurício de Sousa. Isso serve também para evidenciar o ponto de vista do autor com relação à representação social da mulher, considerando-se, inclusive, que estes elementos estão arraigados não só em sua memória discursiva, como também na memória coletiva da nossa sociedade. Um dos exemplos pode ser visto na história "Tá na mesa!", publicada na revista da Mônica, número 143, lançada em novembro 2004, conforme mostram as imagens:

Na seqüência de imagens apresentada, verificamos a aparição dos principais personagens da Turma, Cebolinha, Mônica, Cascão e Magali, praticando atividades distintas em suas respectivas casas bem na hora do almoço. Neste momento, suas mães entram em cena convocando-os para sentar à mesa e fazer a refeição, ao que as crianças, exceto Magali, recusam porque desejam dar continuidade às suas atividades lúdicas. Mesmo assim suas mães insistem no chamado e determinam que as crianças deverão almoçar logo após a diversão, o que não é feito pela mãe de Magali, pois a garotinha gulosa já se encontra na mesa a espera do jantar, depois de ter consumindo a comida repetidas vezes durante o almoço.

A pequena história é apenas um mote para enfocar a personagem Magali manifestando sua principal característica psicológica, o grande apetite, de maneira descontraída e bem humorada. No entanto, ela serve como um flagrante apropriado da forma como as mulheres adultas são retratadas na narrativa de Maurício de Sousa. Elas estão trajadas como típicas donas de casa, usando vestidos ou saias simples, abaixo do joelho e sem decotes, sapatos igualmente simples de salto baixo, lenço nos cabelos (no caso da mãe de Cascão), além dos aventais (longos ou curtos) que se constituem como importantes elementos icnográficos para este tipo de personagem.

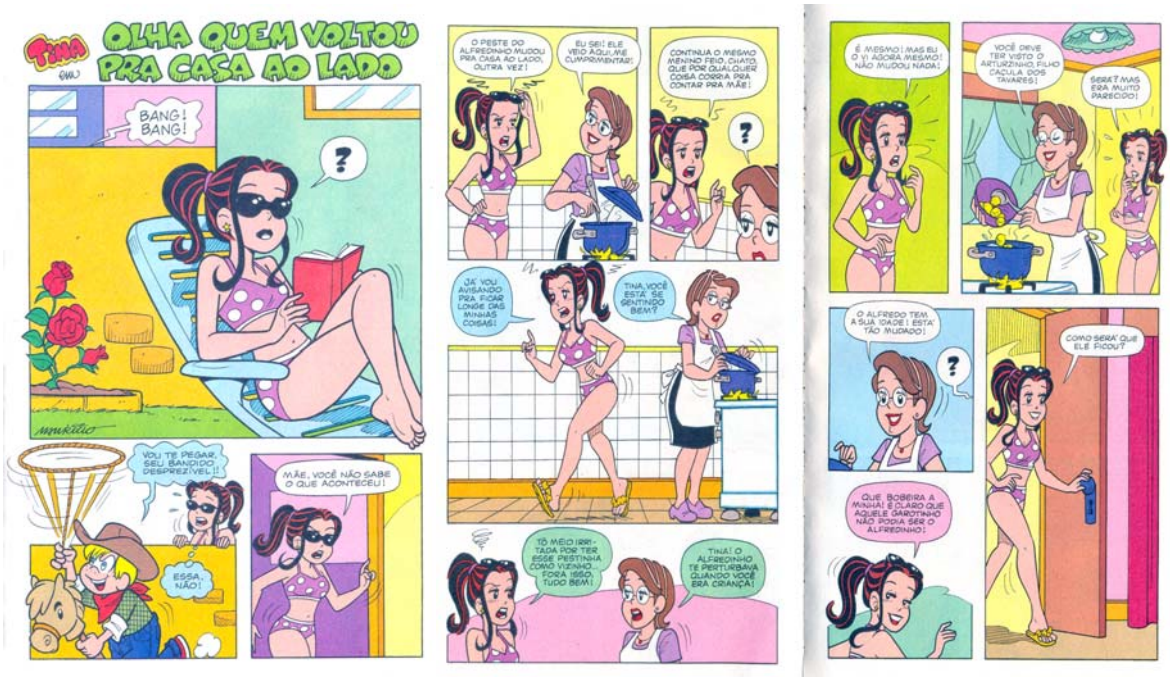
A caracterização das personagens a partir do figurino está diretamente associada ao espaço narrativo, o ambiente doméstico, e o contexto em que elas estão inseridas, vida familiar, no qual exercem atividades relativas à rotina do lar: preparar a alimentação, servir o almoço, cuidar dos filhos chamando-os para fazer suas refeições. Os diálogos, nesta história, são limitados a prestar informações sobre a alimentação, deixando subentendido que uma das tarefas foi cumprida, conforme atestam os enunciados proferidos por elas: “A comida está na mesa!” ou “O almoço já está na mesa!”.

Do mesmo modo, na condição de mães, elas exercem a função educativa de determinar limites, dando ordens aos filhos com o objetivo de controlar o horário da diversão, fazendo com que as crianças procurem organizar seu tempo entre lazer e obrigação (neste caso, alimentarem-se nos horários adequados). Para isso, as mães novamente comunicam-se com os garotos, agora de modo mais enfático e mais decisivo, como fica evidenciado nos desenhos pela transformação de fisionomia, mudando as feições mais brandas e amáveis, para algo mais determinante e veemente. Isso também é constatado através dos enunciados lançados pelas mães de Cebolinha, Mônica e Cascão, respectivamente, quando dizem: “Ta bom! Te dou cinco minutinhos! Mas aí, você vem almoçar!”; “Tá bom! Só que, quando acabar, você vem comer!”; “Tá bom! Mas termina logo, senão a comida esfria!”.

Os fatores listados nesta história compõem um conjunto de ocorrências mostradas de maneira massiva nas diversas aventuras da Turma da Mônica em que as personagens femininas adultas aparecem. Estas cenas repetidas várias vezes tendem a se perpetuarem na memória do leitor que, por sua vez, promove uma associação imediata, operada em seu subconsciente, com uma realidade vivenciada por ele em seu cotidiano. São imagens e contextos construídos historicamente e que já fazem parte da nossa cultura, constituindo-se como paradigmas marcados por discursos identificados com o patriarcalismo e comprometidos com a ideologia capitalista de uma sociedade na qual a voz masculina ainda predomina em diversos contextos, revelando assim uma tentativa de reafirmação do poder masculino.

Com isso, podemos constatar que há uma recorrência bastante acentuada nas histórias produzidas por Maurício de Sousa do estereótipo da mulher-objeto, limitada ao ambiente doméstico e privada da experimentação de vivências externas a este ambiente. A ocorrência de aventuras em que as personagens femininas adultas vivenciam outras situações envolvendo diferentes contextos culturais ou sociais é praticamente nula, assim como o exercício de uma profissão fora do domínio familiar também não é mostrado. Tudo isto acontece como um reflexo de práticas e costumes oriundos da perpetuação de valores construídos historicamente, considerando-se que a nossa sociedade ainda convive com uma concepção machista e utilitária em relação à figura feminina.

E estas situações descritas também ocorrem, de modo bastante semelhante, com as personagens adultas em outros espaços narrativos, como verificamos a na seqüência a seguir:



Na história “Olha quem voltou pra casa ao lado”, publicada em junho de 2004, na revista da Mônica, nº 216, ambientada no micro-universo feminino juvenil, podemos verificar a mãe da personagem Tina vivenciando situações muito similares àquelas experimentadas

pelas demais personagens femininas adultas aqui retratadas, ou seja, as mães das crianças. Enquanto a protagonista da história ocupa o tempo lendo e se bronzeando ao sol, sua mãe está no interior da casa, desenvolvendo as atividades que a ela são atribuídas: preparar a refeição, cuidar da limpeza da casa e demais afazeres domiciliares. O diálogo desenvolvido entre elas diz respeito a uma situação vivenciada por Tina relativa ao retorno de antigos moradores do bairro à vizinhança.

Enquanto a jovem mostra-se inquieta e irritada com o novo fato, sua mãe divide as atenções entre a realização de suas atividades domésticas e os cuidados com a filha, pois esta demonstra insatisfação com o retorno de um colega de infância que a incomodava com brincadeiras indesejadas. Isto fica bastante claro no sexto quadrinho, situado na segunda página da seqüência, no qual Tina aparece bastante aborrecida, ao que sua mãe, enquanto prepara o almoço, interpela a moça perguntando: "Tina, você está se sentindo bem?". Os demais enunciados proferidos por ela cumprirão a função de transmitir para a filha informações sobre a vida dos vizinhos recém-chegados. Nos quadros que sucedem este momento, a mãe de Tina continua desenvolvendo as atividades do lar sendo, portanto, caracterizada como a típica mulher doméstica que tem como principais referenciais – ou, talvez, os únicos – a família e o ambiente doméstico.

O espaço narrativo é propício e está caracterizado de modo peculiar: cozinha tipicamente ladrilhada, cortinas na janela, fogão acesso cozinhando o almoço na panela. A mãe de Tina que se encontra mexendo a comida na panela, veste-se de modo sóbrio e comportado, como de costume, numa combinação saia abaixo do joelho, blusa sem decotes, sapato baixo e fechado (tudo em cores frias e tons discretos), acompanhado do cumprido avental – que, como já fora sinalizado, é um elemento marcante no micro-universo das mulheres adultas da Turma da Mônica, carregado de simbologia uma vez que, geralmente, será associado aos afazeres domésticos. Essa caracterização colabora para deixar subentendido que ela não gosta de inovações e modismos no vestuário, contrastando com sua filha que adere aos apelos da moda, uma vez que sempre aparece com roupas e adereços diferentes – o que é, aliás, um traço marcante no perfil desta personagem.

Desse modo, as personagens femininas adultas são projetadas nas histórias da Turma da Mônica como mulheres limitadas que dificilmente exercem qualquer atividade extra-residencial, e quando as fazem, elas estarão igualmente relacionadas às questões do lar. Os trabalhos desenvolvidos pelas figuras femininas são interpretados pelo ponto de vista capitalista como não rentáveis, pois estes não produzem riquezas materiais, embora sejam considerados necessários para a vida familiar. São tarefas concebidas pela ideologia

dominante como originalmente destinadas ao sexo feminino e ainda recebem uma carga de valores pejorativos, sendo por isso mesmo desvalorizados, pois, para muitos, estes trabalhos não exigem maiores esforços de pensamento ou elaborações intelectuais para sua execução, o que colabora, de modo sutil, com a perspectiva de desvalorização feminina.

Esses valores pejorativos ou a não atribuição de valores positivos, além da falta de reconhecimento do trabalho doméstico como algo de importância significativa contribui para que determinados comportamentos sejam freqüentemente recorrentes em nossa sociedade. Eles são reforçados por orientações ideológicas paulatinamente internalizadas pelos indivíduos – inclusive as mulheres – que reproduzem estes comportamentos e práticas sociais no cotidiano, promovendo, assim, a disseminação de ideologias prejudiciais ao desenvolvimento igualitário e convívio harmonioso da sociedade.

Ao constatar que está implícito, nestas histórias, o perfil de mãe prestativa, atenciosa e preocupada com a saúde e o bem estar dos filhos, assim como o perfil da boa dona de casa, eficiente e dedicada, é possível constatar também a adesão do enunciador a estes estereótipos e, portanto, seu vínculo com as ideologias que sustentam e reproduzem esses estereótipos. A discussão de temas polêmicos, porém sérios e existentes no universo real, como a separação e crise financeira, por exemplo, não se faz presente nas aventuras da Turma da Mônica, levando a crer que o autor deseja projetar um mundo ficcional desprovido de problemas reais ou imperfeições que afetam os perfis e modelos pré-construídos por uma sociedade capitalista guiada por uma ideologia dominante e excludente.

Além disso, foi possível verificar também que os estereótipos da beleza perfeita idealizada, da juventude fútil e sem compromisso, presentes no micro-universo feminino juvenil, são bastante pejorativos e, em certa medida, depreciativos. Os estereótipos relacionados as personagens femininas adultas, por sua vez, estão marcados por uma formação discursiva e ideológica que apresenta conceitos e pontos de vista machistas em relação à mulher, ainda que a sociedade esteja vivendo, em pleno século XXI, momentos de grandes mudanças nos paradigmas tradicionais, o que determina a necessidade de profundas transformações nas relações sociais.

O modo como essas visões de mundo são transmitidas para o público leitor revela as ideologias com as quais os autores/enunciadores das referidas narrativas se identificam. A difusão dos modelos e estereótipos aqui discutidos revela que esses valores e visões de mundo ainda estão muito presentes no cotidiano das pessoas. Sua veiculação através das histórias em quadrinhos colabora com a reprodução de discursos marcados pelo preconceito, dando origem a atitudes discriminatórias.

Estes aspectos provavelmente impulsionarão a assimilação e disseminação de valores e comportamentos questionáveis por parte dos leitores infantis, já que as situações e contextos produzidos nas HQ´s – os quais estão recheados de humor, alegria e outros apelos visuais – são bastante similares ao universo real vivenciado por estes leitores, e isso pode se constituir como algo muito perigoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideologia é um fenômeno social que se materializa através da linguagem.

Iracema Souza

Desenvolver estudos sobre Ideologia constitui-se como uma difícil tarefa, pois ao começar a trilhar este caminhão, será inevitável deparar-se com uma multiplicidade de conceitos e acepções diferenciadas que variarão de acordo com diversas áreas do conhecimento e variados grupos e intelectuais. Além disso, é preciso considerar a ação das mudanças histórico-culturais que certamente influenciarão na formulação de definições e conceitos relativos ao termo. A manifestação deste notável fenômeno social pode acontecer de forma direta, evidente, ou mesmo implicitamente e de maneira bastante mascarada, fator que dificulta a sua identificação e compreensão.

Cada Ideologia resguarda seus próprios conceitos e valores e se expressará de formas distintas, através da linguagem que vem a ser um outro fenômeno social igualmente notável e poderoso. E, considerando-se que todo o signo (lingüístico ou não) é, por natureza, ideológico, faz-se necessário estabelecer a conjugação destes dois fenômenos sociais para melhor compreender o discurso e suas facetas, suas formas de manifestação e as relações estabelecidas entre ele, a linguagem e a ideologia. Para isso, torna-se de fundamental relevância promover a interseção entre o discurso e o contexto sócio-histórico-cultural, pois este permitirá a materialização das relações sociais que, por sua vez, determinarão o que pode ou não ser dito.

A relação das condições de produção do discurso e o ato em si da enunciação discursiva, de certo modo, justificarão a veiculação de valores que ocorrerá através do discurso que certamente estará atravessado pela ideologia. Isso proporcionará a reprodução de diferentes conceitos e visões de mundo a serem assimiladas e difundidas pelos indivíduos no

decurso de suas histórias de vida, através de suas representações e instituições as quais estes venham a se vincular. Tudo isto possibilitará a reprodução de determinados discursos que refletirão convenções costumes e práticas sociais ao longo da história.

Assim acontece nas Histórias em Quadrinhos e, em particular, nas histórias da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, cuja produção literária construída a partir da arte seqüencial, serviu como base para a realização desta pesquisa. Para desenvolver a análise do referido material, tomou-se como referência a Análise do Discurso de linha francesa, que referendou a investigação científica a partir da articulação intrínseca do sujeito como produtor do discurso que é perpassado pela ideologia. Além disso, também foram utilizados conceitos e referências pertencentes à Teoria da Enunciação para evidenciar a essencial importância do ato enunciativo e todos os seus meandros no processo de construção do discurso.

Desse modo, foi possível mostrar a relação existente entre o sujeito, o discurso e a ideologia, presente nos textos produzidos por Maurício de Sousa, tendo em vista a influência exercida pelo contexto externo no interior das narrativas criadas por ele. Por isso, pode-se afirmar que a exterioridade discursiva e os elementos que a compõem interferem de maneira decisiva na produção do texto, o qual traz em seu interior elementos e significações capazes de promover associações com conceitos, temas e figuras peculiares a determinadas formações discursivas identificadas com dadas formações ideológicas.

Ao realizar a investigação do material pesquisado, foi possível evidenciar a premissa de que os posicionamentos, crenças e valores presentes nos discursos condizem com a estrutura social e cultural dos grupos nos quais são produzidos, admitindo-se a idéia de ser, o discurso, um produto do meio. Estes elementos, presentes no interior do discurso e construídos em determinado tempo e espaço, acabam por constituir a memória social de uma comunidade. Decorre daí a constatação de que os sentidos atribuídos aos discursos presentes no *corpus* analisado advêm dos valores, referenciais e sentidos existentes no interior das relações sociais, retransmitidos pela voz de um enunciador.

Tomando como referência estes conhecimentos, a pesquisa sobre os discursos produzidos nos quadrinhos da Mônica foi realizada, buscando evidenciar que estes discursos correspondem a formações discursivas e ideológicas difusoras de valores concebidos e consagrados na nossa cultura. Assim, foi possível verificar que as situações retratadas pelo autor da série revelam uma maneira de pensar e agir sobre a realidade, tendo como referências situações vivenciadas pelas crianças e jovens em seu mundo real. Estas vivências estão diretamente ligadas ao contexto familiar, social e cultural como um todo, nos quais ideologias condizentes com as práticas sociais são reproduzidas.

Para melhor organizar metodologicamente o percurso investigativo desta pesquisa, optou-se por analisar as os discursos recorrentes em cada micro-universo pré-definido. A partir daí, observou-se no micro-universo feminino infantil a presença de discursos pedagógicos com fins educativos, a ocorrência de discursos filosóficos através dos quais o autor busca promover a conscientização das crianças sobre posturas éticas e atitudes morais a serem adotadas por elas, contribuindo assim com a formação da personalidade do indivíduo. Além disso, verificou-se ainda a presença de elementos identificados com o discurso religioso, amplamente disseminado em nossa sociedade por Aparelhos Ideológicos de Estado como a família e a igreja, por exemplo.

Ainda no micro-universo das personagens femininas infantis, verificou-se a presença de discursos identificados com ideologias dominantes, as quais estão associadas à ideologia capitalista. São discursos veiculadores de valores e comportamentos que referendam a manutenção de estereótipos relativos à beleza física e padrão estético discriminatório, além de conteúdos ideológicos que estimulam a disputa entre os diferentes sexos, pendendo de modo sutil para a supremacia do sexo masculino em muitos casos.

Estes mesmos discursos operam no sentido de definir papéis historicamente consagrados às mulheres, o que pode ser observado a partir dos contextos situacionais nos quais as crianças encontram-se inseridas: as brincadeiras e brinquedos infantis, as imaginações e projeções realizadas pelos personagens são exemplos bastante significativos dessas constatações. Um outro aspecto importante relacionado à personagem Mônica ficou evidenciado nesta pesquisa: o estereótipo da mulher masculinizada que assim deve ser para poder ocupar o lugar de liderança nos contextos sociais nos quais estejam inseridas.

Num segundo momento, realizou-se uma breve análise do micro-universo juvenil, no qual também foi constatada a presença de crenças e valores típicos do mundo capitalista (materializados explicitamente ou através do silenciamento) que, por sua vez, estão ligados a ideologia dominante, como aquelas materializadas pelo discurso da juventude apolítica, sem compromissos ou preocupações com questões mais sérias, aspectos que foram transmitidos de maneira bastante sutil.

Não obstante, ficou também constatada a presença deste mesmo discurso no micro-universo feminino infantil, tendo sido abordado em situações distintas e de modos relativamente diferenciados, porém fazendo mesmo efeito. Do mesmo modo, o autor buscou discutir os discursos pedagógico e filosófico no contexto juvenil visando os mesmos objetivos concernentes à boa formação educacional, moral e ética dos jovens leitores. Esta postura serviu para confirmar mais efetivamente o posicionamento do autor e sua adesão a

determinados discursos e ideologias, visto que a recorrência dos mesmos discursos pode ser observada nos variados espaços narrativos e contextos situacionais da obra produzida por ele.

Por fim, analisamos o micro-universo feminino adulto, no qual as personagens são geralmente concebidas apenas como mães e donas de casa, contrariando os novos paradigmas de uma sociedade moderna que vive no século XXI. A partir da configuração destas personagens a ideologia machista, marcada pelo discurso patriarcal e colonialista veio à tona revelando sua intrínseca relação com a ideologia dominante, que está a serviço da concepção de mundo capitalista.

Estas ideologias resgatam valores e concepções preconceituosas através das quais a mulher é vista como um ser limitado, uma postura utilitária da figura feminina que reforça o estereótipo da mulher-objeto. Isto foi constatado ao analisarmos o micro-universo feminino das personagens adultas, que são apresentadas como personagens planas, sem densidade narrativa, geralmente inseridas em contextos nos quais não há surpresas ou modificações na estrutura do enredo.

Os elementos anteriormente mencionados servem para caracterizar estas figuras como personagens tipo, ou seja, aquelas desprovidas de traços psicológicos mais acentuados, como ocorre com as personagens femininas do micro-universo infantil. E todos estes fatores contribuem para perpetuar o discurso que define o exercício dos afazeres domésticos como papel exclusivo e naturalmente atribuído à mulher, referendando, assim, a manutenção de modelos e estereótipos construídos por ideologias dominantes que, ao longo do tempo, mostraram-se comprometidas com a lógica estabelecida pela sociedade capitalista.

O autor parece tentar atenuar estas projeções a respeito da mulher apresentando-as como mães dedicadas, atenciosas responsáveis que zelam pela educação, saúde e bem-estar dos seus filhos, conforme vimos nas mesmas histórias do micro-universo adulto em que as personagens femininas atuam como donas de casa, preocupadas com a administração do lar. E essa postura não deixa de ter uma perspectiva positiva, desde que combinada com a eliminação dos valores negativos antes mencionados, pois a reincidência de certos fatores reforça os estereótipos inadequados contribuindo para que eles sejam cristalizados, perpetuando-se, assim, em nossa sociedade.

Após a apresentação do material analisado, é perfeitamente possível afirmar que as histórias ambientadas no micro-universo feminino, presentes nas revistas da Mônica, reproduzem ideologias pertencentes a um contexto social, histórico e cultural determinado. Assim, a pesquisa confirmou a presença de alguns comportamentos e atitudes que podem contribuir para educar e aprimorar a formação ética dos indivíduos, a exemplo das lições de

moral que conduzem os leitores a optarem por valores como a verdade, humildade e solidariedade.

Diante disso, pode-se deduzir que as práticas sociais retratadas nas revistas em quadrinhos equivalem a recriações da realidade e contribuem para reforçar concepções culturais a partir de diferentes visões de mundo apresentadas nas situações construídas pelo enunciador. Além disso, existem nessas histórias discursos veiculadores de modelos e estereótipos, sobretudo aqueles de valor negativo. Vale dizer que este conjunto de fatores está condizente com a ideologia dominante largamente difundida pelas instituições sociais e Aparelhos Ideológicos do Estado que se fazem presentes, de modo subjetivo, nestas histórias através das crenças e valores por elas sustentados.

Vale lembrar que as histórias do universo quadrinizado fazem referência a fatos comuns do cotidiano e são retratadas com o auxílio de recursos como o humor e os estímulos visuais, por exemplo, os quais exercem um forte apelo no público infantil, infanto-juvenil e até mesmo adulto. Por isso mesmo, torna-se tão difícil rejeitar determinados discursos provindos deste produto cultural que chegam até o leitor sob forma de recriações das relações sociais, tão semelhantes àquelas vivenciadas no cotidiano e que estão, em primeiro plano, a serviço do lazer e entretenimento, pelo menos aparentemente.

Assim estes resultados revelam que os valores veiculados através destas histórias fazem parte das práticas sociais internalizadas pelos indivíduos, as quais são reproduzidas ao longo da história em contextos sócio-culturais e ideológicos determinados. Os conceitos aqui abordados demonstram visões de mundo que resguardam valores, alguns positivos e outros negativos, que por sua vez, refletem práticas sociais positivas ou negativas. A repetição destes conceitos colabora com a construção de idéias que reforçam determinadas práticas sociais a serem perpetuadas pela produção e difusão dos produtos culturais, como é o caso das histórias em quadrinhos.

Os discursos presentes nas estampas selecionadas ajudam a compor o contexto social no qual as pessoas vivem e fazem parte da memória discursiva delas que vivem organizadas em sociedade. Elas pensam e agem a partir de leis, regras e convenções criadas com base numa realidade construída, que determina práticas sociais, cultivadas por instituições sociais com as quais estas pessoas mantêm contato. Decorre daí a idéia de que somos regidos por uma estrutura social, cultural e histórica à qual pertencemos.

Do mesmo modo, Maurício de Sousa também pertence a esta estrutura social, constituindo-se enquanto um sujeito histórico e, ao mesmo tempo, ideológico. Assim, ele coloca em suas narrativas e personagens peculiaridades de criação artística, os conteúdos

ideológicos presentes em sua memória discursiva, além da construção de sentidos pré-existentes em determinada formação discursiva, que é interpelada pela ideologia.

Por fim, vale ressaltar que as conclusões a que chegamos tornaram-se possíveis porque nos alicerçamos nos conhecimentos desenvolvidos pela Análise do Discurso e Teoria da Enunciação, pois com elas foi possível lançar um olhar mais profundo e revelador sobre os textos e o que está por trás deles. Isso nos ajudou a desvendar os sentidos existentes na linguagem das histórias em quadrinhos que têm como características a ingenuidade e aparente neutralidade, estando, para muitos, isentas de qualquer vinculação ideológica.

Assim, esperamos que os resultados aqui apresentados sirvam como uma humilde contribuição para auxiliar no entendimento dos leitores, de um modo geral e, sobretudo, dos profissionais (professores, educadores, pesquisadores...) que utilizam as histórias em quadrinhos como instrumento didático e paradidático no desenvolvimento de suas atividades, além, é claro, de despertar o interesse pela investigação científica a partir de pesquisas semelhantes a esta.

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Tradução: Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ANSELMO, Zilda Augusto. *Histórias em Quadrinhos*. Petrópolis: Vozes, 1975.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. *Heterogeneidade(s) enunciativa(s).* Tradução: Celane M. Cruz e João Wanderlei Geraldi. In.: Cadernos de Estudos Lingüísticos. N. 19, jul/dez, 1990, p. 25-42.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BARBOSA, Rosemary Evaristo. *Destecendo a teia do texto: uma abordagem discursivo-ideológica de A Turma da Mônica*. Dissertação de Mestrado. UFPB: João Pessoa, 2002.

BARROS, Diana Pessoa de; FIORIN, José LUIZ (Orgs.). *Dialogismo, polifonia e intertextualidade*. São Paulo: Editora da USP, 1994. Ensaios de Cultura, n. 7.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral II*. Tradução: João Wanderlei Geraldi. Campinas: Pontes, 1989.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, Dialogismo e Construção de Sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 6. ed. Campinas: EDUNICAMP, 1997.

CAGNIN, Antônio Luiz. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.

CARNOY, Martin. *Educação, Economia e Estado: base e superestrutura – relações e mediações*. Tradução: Dagmar M. L. Zibas. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *O que e ideologia*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CIRNE, Moacy. *A linguagem dos quadrinhos: o universo estrutural de Ziraldo e Maurício de Sousa*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. *Bum! A explosão criativa dos quadrinhos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

_____. *História e crítica dos quadrinhos brasileiros*. Rio de Janeiro: Europa Funarte, 1990.

_____. *Para ler os quadrinhos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. *Uma introdução política aos quadrinhos*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. *Vanguarda: um projeto semiológico*. Petrópolis: Vozes, 1975.

DC Comics. *A morte do Super-Homem*. São Paulo: Abril Jovem, novembro de 1993.

EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. Tradução: Luís Carlos Borges e Silvana Vieira. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

FEIJÓ, Mário. *Quadrinhos em ação: um século de história*. São Paulo: Moderna, 1997. Coleção Polêmica.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

_____. *Linguagem e ideologia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução: Laura fraga de Almeida Sampaio. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

IANNONE, Leila Rentroia; IANNONE, Roberto Antônio. *O mundo das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Moderna, 1994. Coleção Desafios.

KOCK, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MACHADO, Rosa Helena Blanco. *Vozes e silêncios de meninos de rua: o que eles pensam sobre as nossas instituições*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução: Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes/EDUNICAMP, 1997.

MARVEL Entertainment Group. *A teia do Aranha*. São Paulo: Abril Jovem, outubro de 1993.

MENDES, Marcília Luzia Gomes da Costa. *Fragmentos do discurso quadrinizado: uma leitura crítica sobre a personagem Mônica*. Dissertação de Mestrado. UFPB: João Pessoa, 1998.

MÔNICA. Mês de janeiro, nº 211. Ano 2004.

_____. Mês de março, nº 213. Ano 2004.

_____. Mês de maio, nº 215. Ano 2004.

_____. Mês de junho, nº 216. Ano 2004.

_____. Mês de setembro, nº 219. Ano 2004.

_____. Mês de outubro, nº 220. Ano 2004.

MOYA, Álvaro de. *História da história em quadrinhos*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Shazam!* 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1977.

MUSSALIM Fernanda; BENTES, A. C. (org.) *Introdução à lingüística 2: Domínios e Fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*, Campinas, SP, Pontes, 1996.

_____. *Analise do discurso: princípios e procedimentos*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2003.

_____. *Discurso e Leitura*. 2. ed. Campinas: Cortez, 1993.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Orlandi... et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

PEREIRA, Adriana Pedreira Telles. *Enquanto isso, na Sala de Justiça: Leitura de representações culturais e práticas políticas no discurso das Histórias em Quadrinhos*. Dissertação de Mestrado. UFBa: Salvador, 2002.

POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba: Criar Edições, 2002.

Revista Almanaque da Mônica. Mês de março, nº 101. Ano 2004.

_____. Mês de novembro, nº 105. Ano 2004.

Revista Parque da Mônica. Mês de janeiro, nº 133. Ano 2004.

_____. Mês de março, nº 135. Ano 2004.

_____. Mês de maio, nº 137. Ano 2004.

_____. Mês de junho, nº 138. Ano 2004.

_____. Mês de novembro, nº 143. Ano 2004.

Revista Veja. São Paulo: Abril, Agosto de 2002.

SENNA, Nádia da Cruz. *Deusas de Papel: a trajetória feminina na HQ do Ocidente. Dissertação de Mestrado*. UNICAMP: Campinas, 1999.

SOUSA, Maurício de. *Crônicas: Navegando nas letras*. 2. ed. São Paulo: Globo, 1999.

_____. *Crônicas: Navegando nas letras II*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2000.

_____. *Maurício 30 anos. Almanaque comemorativo*. São Paulo: Globo, 1990.

_____. *Mônica 40 anos. Edição comemorativa*. São Paulo: Globo, 2004.

SOUZA, Iracema Luíza de. LET 790, Notas de Pesquisa Orientada.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Alguns aspectos da sociedade e da cultura brasileiras nas histórias em quadrinhos.* AGAQUÊ: Revista eletrônica especializada em Histórias em Quadrinhos e temas correlatos. Núcleo de Pesquisas de Histórias em Quadrinhos. ECA/USP. Vol. 1, nº 1, jul/1998 (on line).